

# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Culturas e história dos povos indígenas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]  
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,  
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016091**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

**DOI 10.22533/at.ed.6682016092**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

**DOI 10.22533/at.ed.6682016093**

### **CAPÍTULO 4 ..... 37**

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.6682016094**

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016095**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

**DOI 10.22533/at.ed.6682016096**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira  
DOI 10.22533/at.ed.66820160913

**CAPÍTULO 14..... 160**

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta  
Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

**CAPÍTULO 15..... 175**

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

**CAPÍTULO 16..... 187**

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

**CAPÍTULO 17..... 202**

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita  
Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

**CAPÍTULO 18..... 218**

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

**CAPÍTULO 19..... 229**

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

**CAPÍTULO 20..... 238**

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos  
Nancy Zarate Castillo

**DOI 10.22533/at.ed.66820160920**

**CAPÍTULO 21.....248**

**A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO” NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII**

*Antonio Martins Ramos*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160921**

**CAPÍTULO 22.....258**

**INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA**

*Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco*

*Divane de Vargas*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160922**

**CAPÍTULO 23.....271**

**PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK**

*Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160923**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283**

**ÍNDICE REMISSIVO.....284**

# CAPÍTULO 11

## ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”

*Data de aceite: 01/09/2020*

*Data de submissão: 03/06/2020*

**Dilma Costa Ferreira**

PPGA/UFGA, Belém/PA.

<http://lattes.cnpq.br/0812465022477570>.

**RESUMO:** O trabalho dialoga sobre oralidades indígenas em narrativas míticas Měbêngôkre, as quais apresentam aspectos históricos e culturais, considerando a história transmitida na oralidade desse Povo a quem foi negado o direito de delegar sobre ela. Quando muito, as histórias sobre indígenas abordadas em materiais didáticos e veículos de informação, serviram de base para construção de uma concepção do “índio” em nossas memórias não condizente com a realidade. As narrativas mitológicas dos Měbêngôkre, são fontes de conhecimento, explicação da origem de diversos elementos da cultura, remontam a história ancestral, são fontes históricas e elemento essencial para a compreensão de rituais e cerimônias. Investigar tais narrativas é se colocar diante de aspectos míticos, históricos e culturais que ressignificam a voz dos ancestrais na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Měbêngôkre; Oralidades; Histórias.

**ORALITIES, MEMORIES AND  
NARRATIVES MĚBĚNGÔKRE: STORIES  
OF A PEOPLE “WITHOUT WRITING”**

**ABSTRACT:** The work dialogues on indigenous

oralities in mythical narratives Měbêngôkre, which present historical and cultural aspects, considering the history transmitted in the orality of this People who were denied the right to delegate on it. At most, the stories about indigenous peoples approached in didactic materials and information vehicles served as the basis for building a conception of the “Indian” in our memories not consistent with reality. The mythological narratives of the Měbêngôkre, are sources of knowledge, explanation of the origin of various elements of culture, dating back to ancestral history, are historical sources and essential element for the understanding of rituals and ceremonies. To investigate such narratives is to stand before mythical, historical and cultural aspects that resignify the voice of ancestors in contemporary times.

**KEYWORDS:** Měbêngôkre; Oralities; Stories

### INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado é um recorte de pesquisa de mestrado, onde analiso duas narrativas míticas Měbêngôkre. Nestas, busco verificar os aspectos não somente voltados para o mitológico, mas também aspectos históricos e culturais, visto que as narrativas míticas até o momento analisadas, apresentam possibilidades de documentação de uma história indígena, sendo possível analisar situações de contato com outros grupos indígenas e até mesmo não indígenas. E ainda, apresentam características que evidenciam aquisição de

saberes, conhecimentos e *nekrêj* que compõem o *kukradjà Mëbêngôkre* vivenciados na atualidade.

Se voltarmos nosso olhar para a história, veremos que se ouve, desde os tempos coloniais, falar sobre os indígenas. Mas, são concebidos, no olhar do outro, como aqueles aos quais tudo falta. Não utilizam roupas, não falam a língua do europeu, lhes faltam a escrita, a religião, são simples em sua organização social e política, são coletores, vivem da caça e da pesca, dentre tantas descrições feitas, tendo em vista as concepções de vida dos não indígenas que aqui chegaram e julgaram ter “descoberto” as terras “brasileiras” já habitadas pelos “índios”.

Na visão de Pierre Clastres (2003), o pensamento ocidental aplicado a sociedades não ocidentais é problemático, sobretudo quando se faz comparações, concluindo por exemplo: são sociedades sem Estado, sem escrita, sem história, dentre outros aspectos. Essa ideia de que falta algo, só existe se analisarmos as sociedades não-ocidentais sob o ponto de vista ocidental. O que para nós faz sentido, para eles pode não ter significado ou funcionalidade alguma.

As ideias descritas por Colombo e demais viajantes, por exemplo, foram adotadas nos livros didáticos de tal modo que na memória dos indivíduos quando se fala de indígena, lhes vem à mente a imagem do “índio” estereotipado, pois não se conhece a verdadeira imagem indígena em tais livros.

Essa visão do indígena foi construída historicamente dentro das escolas e fora dela, seja através dos noticiários na TV ou em jornais, revistas e, na contemporaneidade, junta-se a esses meios de comunicação as notícias veiculadas pela internet.

Vale problematizar aqui o distanciamento da história voltada para os povos indígenas, de modo que estes pudessem expor os seus relatos e pontos de vista, e o fato de que não apenas a história manteve-se afastada da verdadeira história indígena, mas também os antropólogos.

Tristemente, história e antropologia no Brasil mantiveram-se durante muito tempo enclausuradas cada qual em seu gueto. Por um lado, o discurso histórico – muitas vezes vestido da camisa de força conceitual e teórica orientada pelos ditames do capitalismo – negligenciou as minorias étnicas como sujeitos históricos e a historicidade das populações ágrafas. Por outro lado, o discurso antropológico – via de regra preso ao presente etnográfico e a uma estrutura formal considerada invariante e atemporal – não deu atenção aos processos históricos de transformação e entendeu as sociedades estudadas como consubstanciadas no espaço e no tempo. Essa atitude ajudou a proliferar uma série de enganos, dogmas e distorções ainda hoje reproduzidas com relação a realidade sócio histórica e cultural de grupos, etnias e setores sociais não hegemônicos (MANO, 2010, p. 326).

Eric Wolf (2005) em *A Europa e os povos sem história*, também problematiza o fato de a antropologia se manter distante da história em um determinado período, enquanto necessitava aproximar-se desta (história) para melhor compreender a interação das



culturas, embora Wolf trate da Europa, no período de expansão comercial e capitalismo industrial.

Marcel Mano (2010, p. 326) ao discutir sobre a história dos indígenas Kayapó Meridionais, relata que na história muitos aspectos continuam sendo dificultados. “[...] Quando muito, a historiografia tradicional, ao mencionar esse povo indígena, tem constantemente distorcido aspectos culturais e históricos”.

Assim, se for pensado a escola como um espaço de desconstrução e construção de saberes é preciso refletir sobre maneiras de incluir a verdadeira história indígena vivenciada por eles, e não reproduzir o discurso etnocêntrico e discriminatório proposto nos escritos sobre esses povos no que tange a história dita oficial.

Neste sentido, as narrativas orais indígenas, o que inclui os mitos, têm muito a ensinar e são importantes fontes históricas pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais, ao narrar histórias de um povo “sem escrita”.

O objetivo desse trabalho é promover discussões e propor reflexões e acerca da história indígena reconhecida por eles, um povo “sem escrita”, perpassada por gerações através da oralidade e, a história exposta nos livros didáticos inculcadas em nossa memória desde os primeiros anos de ensino escolar.

Intenta-se refletir ainda, sobre as consequências disso para a concepção do indígena pelo não indígena e propor uma educação escolar, sobretudo no ensino de história que leve em conta a pluralidade cultural e, conseqüentemente, versões históricas diferenciadas. Uma educação que embora subordinada a uma “cultura nacional hegemônica”, volta-se para a pluralidade existente no Brasil, dispondo de especial atenção aos povos originários.

## **NACIONALISMO E SISTEMA EDUCACIONAL NACIONAL**

Conforme Stuart Hall (2015, p. 29):

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. [...]. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes, mas nós, efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial.

Ao refletir sobre a questão do nacionalismo na modernidade, pode-se observar, que de acordo com as impressões de Hall (2015), os indivíduos são induzidos a terem uma nacionalidade, desde o nascimento, e, de alguma forma, são desprezadas diferenças regionais e étnicas, existentes no país, sobretudo quando se trata do Brasil, característico pela sua pluralidade cultural e linguística.

Essa tentativa de homogeneização nacional, em que os grupos culturalmente diferenciados têm resistido desde o processo colonial, traz reflexos diretos ao sistema educacional brasileiro.

Stuart Hall (2015, p. 30) vai de encontro a essa questão ao afirmar que:

A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou, uma única língua vernácula como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como por exemplo, um sistema educacional nacional.

As proposições de Hall (2015) nos ajudam a entender o porquê da história contada pelos livros didáticos sobre os indígenas, sem levar em consideração a verdadeira história narrada do ponto de vista desses sujeitos, propiciando visões deturpadas da realidade e carregadas de preconceitos que são inculcados na mente dos não indígenas. Cabe ressaltar que em alguns casos, materiais com tais conteúdos são usados inclusive em escolas dentro das aldeias.

Assim, evidencia-se a urgência em refletir sobre os conteúdos que são ministrados desde muitos anos nas escolas, constituindo na memória dos brasileiros, se pensarmos apenas em relação ao Brasil, uma imagem dos povos indígenas que diferenciam da realidade histórica e cultural por eles vivida.

A história, conforme Marshall Sahlins (1987, p. 7):

[...] é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com o esquema de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática.

Partindo desse pressuposto, ao analisarmos a história dos povos indígenas no Brasil contada por pessoas alheias à suas vivências e culturas, e a ideia que se faz destes, descobriremos narrativas cobertas de preconceitos de todo escalão, mesmo por aqueles que nunca tiveram contato com um “índio”.

Aliás, a própria palavra “índio”, já está carregada de preconceitos, se considerarmos que a definição desta se deu partindo de conceitos ou opiniões formadas antecipadamente, sem conhecimento dos fatos, sendo apenas uma ideia preconcebida. Pois, de acordo com Spency Pimentel (2012) se sabe que esse termo, um tanto equivocado, foi designado para nomear os primeiros habitantes de terras encontradas por estrangeiros que chegaram nesse território, acreditando ter ancorado na Índia, e que para a maioria dos indígenas não tem significado algum.

Nessa perspectiva Pimentel (2012, p. 15) afirma que “o mal-entendido começou muito cedo, com a ideia dos europeus de que sempre “faltava” algo aos indígenas”, e na verdade sabemos que isso tem muito mais a ver com a ignorância, do que com a realidade em si.

Violeta Loureiro (2009, p.126-127) reitera que dentro da perspectiva nacional, os índios desde o período colonial, foram aqueles que precisavam ser domesticados, disciplinados, explorados e discriminados. Tal visão trouxe uma série de consequências para o pensamento atual, principalmente das grandes lideranças “brancas” em relação aos

povos indígenas.

Por vezes, estes – os indígenas – são considerados povos que vivem uma forma de vida inferior e atrasada, que precisam vivenciar ou submeter-se a um estilo de vida mais moderno e valorizado, e até mesmo à uma nomenclatura “étnica” criada por não indígenas.

Ainda de acordo com Pimentel (2012, p.16):

A verdade é que essa carência (de tecnologias, de instituições), sempre imaginada pelos europeus, acabou sendo pensada como uma questão de tempo, como se o encontro com os indígenas fosse um encontro com o próprio passado da humanidade, antes que ela evoluísse e inventasse coisas como as roupas ou o Estado.

Se voltarmos os olhos ao passado, compreenderemos inúmeras questões até mesmo de cunho racista. Pois como sugere Loureiro (2009, p. 130) a complexidade da questão indígena não deriva apenas de uma relação desigual entre grupos dominantes e dominados, mas “absorveu elementos racistas de um passado ainda muito vivo que se combinaram a condições adversas e dinâmicas do presente”, resultando em oposições e enfrentamentos contra os povos indígenas e populações tradicionais e suas formas de vida.

A situação é ainda mais complicada do que aparenta. Embora existam políticas que preconizam o direito dos indígenas no Brasil através de organizações, associações, dentre outros, “estas têm apresentado ações de caráter ambíguo e até mesmo contraditórias ao longo da formação histórica do país” (LOUREIRO, 2009, p. 123).

## O POVO MĒBÊNGÔKRE/KAYAPÓ

Os colaboradores desse trabalho, o povo Mēbêngôkre, nome que tem sido descrito etimologicamente em algumas pesquisas como: *Mē* (gente) + *bê* (da/do) + *ngô* (água) + *kre* (buraco), ou seja “Gente do buraco da água”, foram e por vezes ainda são classificados como Kayapó Setentrional.

Mas, Kayapó foi uma classificação dada por membros externos aos Mēbêngôkre, e que serve, ainda hoje, como identificador de vários povos, como os Xikrin, Mekraknoti, Metyktire, Kararaô e Mēbêngôkre. Esse termo Kayapó, conforme exposto por Vanessa Lea (2012, p. 60) significa “caras de macaco” ou “parecido com macaco”, um tanto pejorativo, tal termo não condiz com a realidade do povo Mēbêngôkre.

Sobre a classificação dos povos indígenas e populações tradicionais, Jean Bazin (2017, p. 126), em seu texto *A cada um o seu Bambara*, busca desconstruir essa ideia, pois, “diferentemente do povo ou da nação, produtos de uma história, a etnia é efetivamente o resultado de uma operação preliminar de classificação (...)”.

Ainda conforme Jean Bazin (2017, p. 127-128), refletindo sobre a classificação, tendo como exemplo os bambaras, povos por ele estudado:

Ao lado desse bambara do etnólogo, considerado único, mas que ninguém nunca encontrou, há todos os outros, todos aqueles que, a um título qualquer, carregam ou carregaram esse nome em função das taxinomias práticas efetivamente utilizadas pelos atores de um determinado campo social: cada um deles certamente tem sua opinião sobre o que faz, para o bem ou para o mal, a bambaridade dos bambaras, mas sem que nenhum designe necessariamente o mesmo conjunto, considerando-se a posição ocupada e a perspectiva que disso resulta.

O autor supracitado faz a seguinte pergunta para reflexão “Não se poderia ser um bambara sem ter sido nomeado como tal: nomeado por quem, em que contexto, quando? (BAZIN, 2017, p. 128).” Essa pergunta ecoa como um turbilhão de vozes em nosso pensamento e nos ajuda a refletir sobre as nossas pesquisas e os seus colaboradores.

Mas, redirecionando a discussão sobre o povo Mëbêngôkre, em relação à terra, a antropóloga Eliane Pequeno (2004, p. 265-266), baseada em um mito documentado por Ruth Thomson (1981), escreve que *pyka* ou a terra onde habitavam os Mëbêngôkre foi descoberta por um indígena caçador, em uma camada superior, ao cavar um buraco seguindo um tatu. Os antepassados então desceram para essa terra, através do buraco utilizando um cordão de algodão. Nem todos tiveram coragem para descer e as fogueiras dos que ficaram são hoje consideradas as estrelas que avistam no céu. Quando desceram construíram a primeira aldeia circular à imagem do buraco e das camadas do ninho de *amjy*.

Possivelmente, de acordo com algumas etnografias e relatos, inclusive por pessoas que viviam entre os Mëbêngôkre nos séculos XIX e XX, essa *pyka* (terra) foi denominada *pykatotí*, lugar ancestral, “situada a um dia a pé ao da atual aldeia Kubenkrâkêj rumo a nascente do Riozinho” (TREVISAN, 1982, p. 15).

Como mostra Pequeno (2004, p. 251-252), atualmente os povos Kayapó Setentrionais, dentre eles os Mëbêngôkre, vivem em várias terras indígenas. Como apontado em diversas pesquisas, temos a Terra Indígena Bau, Terra Indígena Kayapó, Terra Indígena Mëkraknôti, Terra Indígena Bâdjankôre e Terra Indígena Capoto/Jarina. Acrescenta-se à essas a Terra Indígena Kararaô e Terra Indígena Xinkrin. Essas terras estão localizadas no interior do estado do Pará, mais especificamente na região Sul e Sudeste, à exceção da Terra Indígena Capoto/Jarina, que se localiza na região Norte do estado do Mato Grosso.

Os Mëbêngôkre fazem uso da língua materna classificada por diversos linguistas, dentre eles Aryon Rodrigues (2013), como sendo do tronco Macro-jê, família linguística Jê. Mas também utilizam o Português para se comunicarem no mundo do *kuben* (os não indígenas) e com os *më kakrit*, que são pessoas pertencentes a outros povos indígenas.

## LOCAL DA PESQUISA

Esse tópico se fez necessário para situar o leitor quanto ao local em que a pesquisa se desenvolve, a saber, na aldeia Krimejny, habitada por indígenas Mëbêngôkre, localizada

na Terra Indígena Kayapó, no município de São Félix do Xingu/PA, a mais ou menos 60 km da cidade.

A aldeia contabiliza dez casas de palha e pau-a-pique, aproximadamente 80 pessoas, conta com um galpão escolar, uma casa para professora não indígena e uma farmácia onde também fica o rádio comunitário, principal meio de comunicação da Aldeia com outras aldeias e com o Centro de Atendimento à Saúde Indígena do Município. Ainda não há uma casa dos homens no centro da aldeia. O rio mais próximo chama-se Rio Fresco, no entanto a aldeia está localizada entre dois córregos, locais em que tomam banho, lavam louças e pegam água para beber e cozinhar.



Figura 1 – Aldeia Krimejny.  
(Foto: arquivo pessoal, 2018).

## **NARRATIVAS ORAIS COMO CORRELATOS DE FONTES HISTÓRICAS**

Sustenta-se nesse trabalho a necessidade de uma história indígena contada nos livros didáticos que leve em consideração os relatos dos diversos povos indígenas existentes em nosso país. Que exponha não a história do Brasil, mas sim as histórias. Nesse sentido, conforme defende Aliria Carvalho (2018, p. 1):

As narrativas orais são ferramentas de manutenção da identidade cultural e da memória da nação indígena. Os conhecimentos desses bens culturais ainda são incipientes no meio acadêmico, embora sejam objetos passíveis de estudos e fontes de conhecimento da cultura desses povos.

Com isso, sugere-se que seja possível obter a documentação de tais relatos tendo em vista as diversas narrativas dos povos indígenas que evidenciam o contato com não indígenas e até mesmo outros grupos indígenas, sejam remetendo ao tempo histórico ou ao tempo mítico.

## A ideia defendida aqui apoia na definição de mito trazida Julio Cezar Melatti:

Os mitos são antes de tudo, narrativas. São narrativas de acontecimentos cuja veracidade não é posta em dúvida pelos membros de uma sociedade. Muita gente pensa que os mitos nada mais são do que descrições deturpadas de fatos que realmente ocorreram. Na verdade, porém, tudo indica que os mitos têm mais a ver com o presente do que com o passado de uma sociedade. Embora as narrativas míticas sempre coloquem os acontecimentos de que tratam em tempos pretéritos, remotos, elas não deixam de refletir o presente, seja no que toca aos costumes, seja no que toca a elementos tão palpáveis como os artefatos (MELATTI, 1993, p. 133).

Assim, compreende-se que mito para os indígenas não se trata de fatos irreais ou relatos que fazem parte do passado, mas são antes de tudo, como os colaboradores deste trabalho relatam, histórias dos seus antepassados ou de seus ancestrais, os quais ensinaram tudo o que sabem e que são constantemente ressignificadas no presente.

Através dos feitos dos ancestrais *Kukryt-tyire* e *Kukryt-kakô* no mito do *Àk'ti* (gavião grande), citado por Vanessa Léa (2012), Lux Vidal (1977) e Marcel Mano (2010), os Mëbêngôkre aprenderam o canto, o choro, táticas de guerra e se tornaram fortes guerreiros.

Todas as narrativas mitológicas dos Mëbêngôkre fazem parte da história desse povo, colocam encontros com não indígenas, encontros com outros indígenas e como foram agregando esses acontecimentos à sua cultura. Tudo isso se faz muito presente na memória e na oralidade Mëbêngôkre.

A narrativa mítica intitulada *Nhakpôkti* muito ouvida nas aldeias durante realização dessa pesquisa, traz como personagem a indígena *Nhakpôkti*, responsável por ir ao *kàjkwa kam* (o que chamamos de céu), buscar mudas de *jât* (batata), *tyrtí* (banana), *môp* (inhame) e *kwyr* (mandioca) para dar início às roças Mëbêngôkre. Antes de *Nhakpôkti* trazer as mudas para plantar, o Povo comia *pin amak* (orelha de pau) e *pingô* (gongo ou bicho do coco).

Como vemos, tal narrativa indica como esse povo vivia antes do surgimento das roças e suas principais fontes de alimento. Foi me relatado também sobre a origem do fogo, o qual foi roubado da onça e assim puderam assar *mry* (as carnes), que antes eram expostas ao sol para secar e depois consumidas. Vale ressaltar que a onça da qual falam, conforme me foi confidenciado por *Bàri'y<sup>1</sup>*, não significa literalmente uma onça, mas ao que tudo indica eram outros povos que viviam na floresta, possivelmente povos indígenas.

Abaixo seguem duas narrativas Mëbêngôkre, as quais parecem nos situar em um tempo mítico concomitante a um tempo histórico. Estas narrativas foram contadas por Pitu Kayapó na aldeia Krimejny, com a presença das crianças e adultos, e posteriormente

---

1 Jovem Mëbêngôkre que mora na aldeia Kokrajmor e tem um grande apreço pela contação de histórias, embora também tenha relatado que aprendeu muito com o avô que era um contador, mas devido à idade ele ainda não tem autonomia para contar essas histórias na aldeia.

transcritas na língua materna (L1) e traduzidas para o Português (L2).

### **Bay Bàri (A grande árvore de milho)**

*Bay bàri* é a história de *Nhikwirykwjy*. Uma velha estava no rio próximo de uma grande árvore, cuidando dos netos. Uma rata (*amjôre*) então subiu em seu braço, a velha bateu com a mão e jogou fora. A rata subiu novamente e então falou com a senhora, “nessa época os bichos falavam com Mêbêngôkre”, que as sementes que caíam na água, oriundas da grande árvore, podiam ser transformadas em comida (*omrô*). A velha então pegou as sementes, fez a comida e deu para o *tabdjwy*<sup>2</sup> comer, o menino provou, gostou e saiu no meio da aldeia comendo. Um velho viu e perguntou o que ele estava comendo e disse que queria experimentar, o senhor então experimentou e gostou. Chamou todos da aldeia que também experimentaram e gostaram. Então mandaram chamar a velha para saber onde ela tinha conseguido aquele alimento. Ela contou que a *amjôre* tinha falado que as sementes podiam ser transformadas em alimentos e que provinha da grande árvore na beira do rio. Todos então foram para lá começaram a derrubar a tal árvore para obter as sementes. Como era muito grande, mandaram duas crianças buscarem mais machados, “nessa época os machados eram feitos de pedra”. Eles foram, mas no meio do caminho encontraram uma cuíca<sup>3</sup>, mataram o animal, assaram e comeram. Então ficaram velhinhos e mal conseguiram chegar até a aldeia. Mas o restante continuou a derrubar a árvore. Cortavam de dia, à noite descansavam, mas no outro dia a árvore estava intacta. Então ficaram dia e noite até derrubar a grande árvore. Nesse momento, todos começaram a juntar as sementes do milho e a dançar. Diante desse feito, os indígenas foram se dividindo em grupos étnicos diferenciados cada um falando língua diferente (KAYAPO, 2018, comunicação pessoal)<sup>4</sup>.

A narrativa citada traz elementos que permite aos indígenas explicarem a origem da velhice, através de um acontecimento situado no tempo mítico, mas ao mesmo tempo se coloca num determinado tempo histórico ao elucidar questões relacionadas à divisão de grupos étnicos com linguagens diferenciadas, possibilitando aí uma explicação para um momento histórico vivenciado pelos povos Jê, de separação, cujos motivos podem estar associados à disputas por territórios, políticas, a própria presença dos “brancos”, dentre outras.

Pelo que indicou Pitu, o local pode ser às margens do Rio Tocantins, hipótese também defendida por Terence Turner (1992) em texto no livro *História dos índios no Brasil*. Nesse local possivelmente houve o desmembramento dos Jê, surgindo os diversos grupos que existem atualmente.

### **Kuben Brire (O homem/inimigo sapo)**

Essa é a história do *kuben brire* (homem/inimigo sapo). Antigamente estava tendo uma festa na aldeia, então os homens saíram para caçar carnes (*mry*)

<sup>2</sup> *Tabdjwy* pode ser traduzido, mas não de forma literal, como neto ou sobrinho;

<sup>3</sup> Animal cujo nome científico é *Philander opossum*, um marsupial da família dos *didelphídeos*, encontrado geralmente em florestas tropicais.

<sup>4</sup> Essa é uma tradução livre, feita, após processo de transcrição, com os contadores das histórias e professores indígenas da aldeia. Cabe salientar que essa versão, após tradução, perde muito do seu sentido original (gravado e transcrito).

para a festa. Fizeram um acampamento perto de uma lagoa (*ijmô*). O dono da festa saiu para caçar e falou para o filho subir numa árvore a fim de vigiar o acampamento. Então quando todos foram caçar ele ficou na árvore vigiando. Quando o menino estava na árvore viu um ser saindo da lagoa parecido com um homem sapo, o qual ele chamou de *kuben brire*. O ser tornou a voltar para dentro da lagoa. Quando todos voltaram o rapaz avisou sobre o ocorrido, porém disseram que o garoto estava mentindo, apenas o pai do jovem acreditou nele e resolveu mudar do acampamento. Os outros continuaram à beira da lagoa. Quando o dia amanheceu, eles foram ver como estavam os companheiros que decidiram ficar no acampamento à beira da lagoa, porém não havia ninguém, nem mesmo a caça, apenas cheiro de sangue vindo da lagoa. Ficaram muito tristes e voltaram para casa para avisar as mulheres e crianças sobre o ocorrido. Todas ficaram muito tristes, choraram bastante, cortaram o cabelo e ficaram de luto. Tempos depois decidiram revidar e pensaram em como fazer isso. Então decidiram que todos iriam para a beira da lagoa e montariam acampamento. Acenderam fogo e esquentaram pedras. Quando elas estavam bem quentes, eles jogaram dentro da água onde os *kuben brire* moravam. A água começou a borbulhar e saiu de lá um *kuben brire* pequeno parecido com *mě* bôkti [criança do sexo masculino com idade entre 07 a 12 anos aproximadamente], com enfeites nos braços. Então mataram-no e pegaram os enfeites. Logo em seguida veio outro, o mataram também. Isso foi feito com todos que saíam da lagoa, até matarem o último *kuben brire* (KAYAPO, 2018, comunicação pessoal)<sup>5</sup>.

Essa narrativa presente na oralidade Měbêngôkre nos permite analisar vários elementos sobre a cultura, rituais de luto, táticas de guerra e sobretudo parece haver uma interseção entre tempo mítico e tempo histórico, pois ao mesmo tempo que narra acontecimentos vividos em tempos míticos, aparenta tratar-se do próprio tempo histórico em que o Povo, no encontro com outros indígenas, foram atacados e retribuíram ao ataque, sendo essa uma realidade muito presente antes do contato dos Měbêngôkre com não índios e até mesmo em período posterior, como apresenta alguns relatos históricos.

Para Pitu, as narrativas são histórias de seus antepassados, foram os personagens dessas histórias, os quais chamamos de heróis míticos, que ensinaram a “cultura” ou *kukradjà* Měbêngôkre. Foi de seus inimigos que conseguiram parte dos *nekrej* e demais acessórios que usam atualmente. Do *kuben brire*, por exemplo, há a aquisição de um *nekrêj* que se usa no braço, utilizado por homens na cerimônia do *Bemp*<sup>6</sup>. Mas também, assim como a anterior, evidenciam aspectos culturais e históricos.

Ao passo que os *kuben brire* matam os Měbêngôkre acampados na beira da lagoa, os sobreviventes maquinam estratégias de guerra e matam todos os inimigos. Outra situação que aparece na narrativa é a etapa de uma cerimônia. As mulheres estão na aldeia e os homens estão caçando para uma cerimônia. Após avisadas da morte dos maridos e parentes, o ritual da cerimônia é interrompido, inicia-se o ritual de luto e, por fim, a revanche

5 Essa versão também é uma tradução livre, feita, após processo de transcrição, com os contadores das histórias e professores indígenas da aldeia. Por isso se aplica a mesma situação da primeira narrativa de que após tradução, perde muito do seu sentido original (gravado e transcrito).

6 *Bemp* é uma cerimônia onde jovens são dados em matrimônio e dura vários meses.



com o extermínio dos inimigos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos aspectos da história indígena ou das histórias indígenas no Brasil, veremos que, desde o período colonial, os grupos culturalmente diferenciados são vistos como pessoas que precisam se adequar à realidade nacional, inclusive no aspecto religioso, em detrimento das suas próprias crenças e conhecimentos tradicionais.

A não aceitação do outro ou dos outros, se pensarmos em grupos étnicos diferenciados, leva a uma série de problemas, sobretudo pelo fato de que agindo assim, têm-se a tendência de moldá-los e inseri-los a qualquer custo em uma cultura que lhes são alheias. A história dita oficial nos mostra isso quando nega aos indígenas o direito de delegarem sobre a própria história (s).

Os povos indígenas trazem consigo uma bagagem traumática de vivências, principalmente com os não indígenas, que vão desde o período colonial, perpassando pelos períodos imperial e republicano, nos quais esses povos, foram concebidos de diversas formas: do não humano que precisava ser catequizado, explorado e escravizado, para aqueles que precisavam ser exterminados, com vistas a uma raça pura, ao indígena “livre” que precisava ser assimilado culturalmente e adquirir características civilizadas.

E nos dias de atuais? Ainda é possível perceber que existem inúmeros preconceitos quando se referem povos indígenas, resquícios dessa história massacrante de domínio e colonização. De não aceitação do outro como diferente. Esse pensamento ocidental de que tudo o que é diferente precisa ser moldado para encaixar-se a um modo de cultura e civilização nacional, ou, caso contrário, é colocado à margem da sociedade.

Embora na atualidade, existam políticas públicas que visam o atendimento do indígena como um indivíduo que tem direito à diferença, a viver conforme sua própria cultura, o que vemos são “imposições”. Lhes são conferidos uma educação que em sua maioria não atendem ao que prevê as legislações, no que diz respeito ao bilinguismo, conteúdo programático e materiais didáticos voltados para a cultura e os saberes dos indígenas.

A questão territorial também tem sido um aspecto que tem provocado grandes discussões, inclusive pelo fato de que a vida desses povos depende de certa forma da natureza local. Dela provém parte dos alimentos consumidos, a cura para diversas doenças e fazem parte do seu campo de rituais e saberes tradicionais. Logo, a diminuição dessas terras implica inevitavelmente, em uma reconfiguração ou morte cultural desses povos.

Cabe a nós, enquanto membros de uma sociedade que desde os primeiros contatos com os povos indígenas, os viu como objetos a serem explorados ou exterminados, concebidos como selvagens que impediam o progresso e a civilização, buscarmos colaborar com tais povos pelo direito de serem grupos culturalmente diferentes em sua

plenitude, incentivando ou desenvolvendo ações conjuntas, para que não lhes sejam negados nenhum direito, mas ao contrário, sejam adquiridos cada vez mais. O direito de contar suas histórias deve ser um deles.

A documentação de narrativas Mëbêngôkre, bem como dos demais povos indígenas, é bastante relevante para que através desse processo as vozes possam ser ouvidas e histórias possam ser contadas, e assim nos permitamos conhecer as histórias indígenas contadas pelos seus sujeitos históricos.

## REFERÊNCIAS

BAZIN, Jean. A cada um o seu bambara. In: Amselle, Jean-Loup; M'Bokolo, Elikia (orgs.). *No centro da etnia: etnia, tribalismo e Estado na África*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 119-167.

CARVALHO, Aliria Wiuira. Narrativas Guajajara: a voz indígena para além das aldeias. Unicamp. *Anais eletrônicos do Encontro Nacional de História Oral*. 2018. Disponível em: <[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resouces/anais/8/1525142190\\_ARQUIVO\\_trabalhounicamp/.pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resouces/anais/8/1525142190_ARQUIVO_trabalhounicamp/.pdf)>. Acesso em: 15 de agosto de 2018>.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, [1963] 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu & Guacira Lopes louro. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2015. 12ª edição.

LEA, Vanessa Rosemary. *Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis: Os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central*. São Paulo: Edusp, Fapesp. 2012.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. *A Amazônia no Século XXI – novas formas de desenvolvimento*. São Paulo: Editora Empório do livro, 2009.

MANO, Marcel. *Metáforas Históricas e Realidades Etnográficas: A construção de uma história do contato Kayapó no Triângulo Mineiro*. Uberlândia, Cad. Pesq. Cdhis, v. 23, n.2, jul./dez. 2010.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios no Brasil*. São Paulo: HUCITEC; EDUNB, 1993, 7ª edição.

PEQUENO, Eliane da Silva Souza. Trajetória da reivindicação Kayapó sobre a terra indígena Badjonkore. In: *Revista de Estudos e Pesquisas*. FUNAI, Brasília, v.1, n.2, p. 249-288, dez. 2004.

PIMENTEL, Spency. *O índio que mora na nossa cabeça: sobre as dificuldades para entender os povos indígenas*. São Paulo: Prumo, 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. Disponível em: <<http://www.laliunb.com.br>>. Acesso em: 05/11/2017.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1987.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo Sentimental” e a Experiência Etnográfica – Parte I, *Mana*, v. 3, n.1, 1997, pp. 41-73.

THOMSON, Ruth. *Me Bakukamã-re'ã Ujarenh – neja*. Lendas Kayapó. Summer Institute of Linguistics, Brasília, DF, 1981.

TREVISAN, Renato. O Povo Kayapó 2, A'ukre. 1983, Acervo ISA. Disponível em: < <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/o-povo-kayapo-2> >. Acesso em< 15 de agosto de 2018>.

TURNER, Terence. Os Mëbêngôkre Kayapo: história e mudança social de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. In: *História dos Índios no Brasil*. Manuela Carneiro da Cunha (org.). São Paulo: Companhia de Letras: SMC. FAPESP, 1992, p. 311-338.

VIDAL, Lux B. *Morte e Vida de Uma Sociedade Indígena Brasileira*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1977. 197p.

WOLF, Eric. R. *A Europa e os povos sem história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. (Prefácio 1997; Prefácio 1982; Introdução; Posfácio; Notas Bibliográficas).

## REFERÊNCIA ORAL

KAYAPÓ, Pitu. Comunicação Individual [gravada] por Dilma Costa Ferreira. São Félix do Xingu-PA, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

### C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

### D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

### E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

### I

Indígenas Karipuna 258

### L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

### M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

## **O**

Oralidades 119

## **P**

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

## **R**

Resistências 90, 132, 144, 271



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020